O auxílio dos responsáveis nas tarefas escolares: Um estudo de caso que relata o apoio através de violência psicológica e física causando traumas e diminuição de autoestima.[1]

Eliane do Carmo Neves[2]
Mariana Rissi Azevedo[3]

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar de que forma os responsáveis auxiliam as crianças nos deveres escolares analisando através de um estudo de caso, a violência psicológica e física de um pai que ao ensinar sua filha, compromete a autoestima e o desenvolvimento da criança, gerando um trauma que se estende até a vida adulta e a impede de progredir. Esta pesquisa procura iniciar uma discussão a respeito da importância dos responsáveis no auxílio das atividades escolares como construção da autoestima e fortalecimento dos laços de amor familiares. Abordando os críticos do estudo do desenvolvimento, sendo eles: Mahoney e Almeida (2005), Sabini (2001), Helen Bee (2003), Guillermo Arias (2015), Azevedo e Guerra (2001) e Bronfenbrenner (2004). Tendo enfoque nas teorias sobre o estudo do desenvolvimento infantil. Além de observar como a violência e o contexto em que está inserida pode influenciar no progresso da criança em relação a aprendizagem.

Palavras-chave: Educação, desenvolvimento infantil; violência psicológica e física.

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze the way that parents help children in their school duties by analyzing through a case study the psychological and physical violence of a father who, in teaching his daughter, compromises the child's self-esteem and development, A trauma that extends into adulthood and prevents it from progressing. This research seeks to raise awareness about the importance of those responsible for helping school activities such as building self-esteem and strengthening family love bonds. Using the critics studies: Mahoney & Almeida (2005), Sabini (2001), Helen Bee (2003), Guillermo Arias (2015), Azevedo & Guerra (2001) and Bronfenbrenner (2004). Focusing on theories on the study of child development. observing how violence can influence to the progress of the child in relation to learning.

Keywords: Education, child development, psycological and physical violence.

INTRODUÇÃO:

A família tem um papel importante no que diz respeito à educação infantil, no entanto, há uma grande falha por meio de muitos responsáveis ao auxiliar a criança nas tarefas escolares, pois os mesmos acabam usando a violência verbal ou física, acreditando

[1] Artigo cientifico orientado pela professora Mariana Rissi Azevedo apresentado à banca de examinadores do Curso de Letras da UFAM/IEAA como requisito obrigatório da disciplina de TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), ministrada pela professora Viviane Braz Nogueira para obtenção de grau.
[2] Acadêmica do curso de Letras da UFAM/IEAA.
[3] Professora Orientadora.

que isso pode estar contribuindo para o ensino e aprendizado de seus filhos/tutorandos/alunos, no entanto, não percebem que isso de alguma forma pode afetar negativamente o desenvolvimento da criança.

Diante da relevância que se tem acerca do crescimento intelectual/cognitivo do ser humano é que vimos a necessidade de abordar essa temática. Portanto, o presente trabalho tem como propósito analisar a ajuda dos responsáveis seja ele o pai, a mãe, a tia ou o avô que esteja dando esse auxílio nas tarefas escolares, fazendo uso da violência verbal ou física, mais especificamente causando o trauma e a destruição de autoestima.

Esse tipo de abuso não afeta o indivíduo apenas fisicamente, mas reflete ainda no campo psicológico pessoal, prejudicando dessa forma o desempenho social e cognitivo. Assim sendo, podemos inferir que o problema emocional que a criança por ventura adquiriu nas vezes em que foi agredida, além de afetar a autoestima, pode originar distúrbios comportamentais e cognitivos o que, logo comprometeria o processo de ensino e aprendizagem.

O referido trabalho caracteriza-se por ater-se a uma metodologia de cunho bibliográfico analítico, de natureza qualitativa baseada nos autores: Mahoney e Almeida (2005), Sabini (2001), Bee (2003), Arias (2015), Azevedo e Guerra (1989) e Bronfenbrenner (2004). Este artigo baseia-se em um relato real de uma pessoa que sofreu maus tratos na infância ao longo do processo de ensino e aprendizagem, sendo marcada até os dias atuais pelo medo. Os autores supracitados serviram de base para descrever e analisar o comportamento de pessoas, como a do caso que apresentaremos, que sofrem ou sofreram ao receber “ajuda” de responsáveis nos estudos. Bronfenbrenner (2004) observa que o contexto em que o indivíduo está inserido pode refletir na personalidade do mesmo. Em sua obra Sabini (2001) fala sobre os aspectos do desenvolvimento infantil. Mahoney e Almeida (2005) tratam de como o afeto pode ser importante na prática de ensino da criança. E Azevedo e Guerra (2001) demomstra que a prática de bater nos filhos não só acontece de longas datas, mas que infelizmente se estende atualmente como prática educacional. Na seção a seguir será feita um panorama de como os autores relatam o apoio dos responsáveis no auxílio das tarefas escolares.

APRESENTAÇÃO DO APORTE TEÓRICO

Em sua obra “Psicologia do desenvolvimento” Sabini (2001) apresenta aspectos do desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento emocional e desenvolvimento social. De acordo com esses estudos realizados pela autora comprova que a personalidade de cada um é resultado da interação dos aspectos supracitados. Baseado nesses aspectos é que serão analisados de que forma a violência na hora do ensino pode trazer trauma e autoestima baixa dessa criança, seja no meio social, emocional e cognitivo.

Bee (2003) em “A criança em desenvolvimento” aborda temas sociais relacionados ao campo do desenvolvimento infantil e cognitivo. Esse estudo servirá de foco para sabermos de que forma a violência pode afetar o desenvolvimento da infância até a fase adulta.

Mahoney e Almeida (2005) tratam das contribuições de Henri Wallon para a compreensão da dimensão afetiva no desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem. É de suma importância destacar o quanto a afetividade é benéfica no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, pois a criança se sentirá motivada, segura, e respeitada por parte do pai, da mãe, tio, tia e outros que lhe ajuda nas tarefas escolares, criando um vínculo saudável entre pais e filhos.

A criança tem que ser acompanhada de forma expressiva e compreensível de modo que o processo de ensino aprendizagem se torne uma atividade deleitável e divertida, e não algo visto pela criança como ruim, detestável, que só traz desgosto acompanhado de uma série de sentimentos negativos que a vítima traumatiza ao invés de causar prazer, de fazer com que o indivíduo tome gosto pelo aprender.

Azevedo e Guerra em “ Mania de bater” (2001) mostram duas vertentes acerca do tema que aqui se pretende abordar: a) uma pesquisa histórica em que salienta a mania nacional que os pais tem de bater nos filhos, e b) uma pesquisa que aponta que mesmo atualmente os pais ainda usam essa prática para “educar” os filhos, além de trazer depoimentos no âmbito de que a punição corporal seja banida. Os autores destacam que essa prática de violência usada para uma possível “educação” vem desde o século XVI, trazida ao Brasil pelos padres jesuítas na época da colonização, como destacam os autores:

> As crianças eram criadas pela tribo, com a proteção especial das mães e dos pais. Não se tem registro de que os pais recorressem ao disciplinamento corporal como prática educativa. Diferentes relatos dos padres e em diferentes capitanias comprovam que os índios não se

> utilizavam de castigos físicos para o disciplinamento dos seus filhos. (AZEVEDO & GUERRA, 2001, p.112).

Pudemos observar, portanto, que os indígenas não tinham o costume de bater em seus filhos, ou seja, esse foi um ato herdado, que convenhamos não seja algo que se deva ter orgulho, o que para os jesuítas era visto como uma forma de amor.

Ainda de acordo com Azevedo e Guerra (2001) o que de fato se pode perceber é que se adquiriu uma certa "mania de bater", hábito esse que com o passar dos tempos, foi tomado por alguns pais ou responsáveis pela educação da criança ou adolescente, como melhor desculpa para educá-los. Essa prática pode trazer consigo o pesar para essa criança que pode estar sendo vítima de maus-tratos, e desta forma, não estará agregando benefício algum para aprendizagem, ao contrário, o maleficio que se esconde por trás de um cascudo, tapa, surra, xingamentos são caracterizados como desmotivação, medo e ausência de afinidade.

O professor cubano Arias (2015) salienta em uma entrevista a relação da educação com a psicologia e o papel da família. Ele destaca que a educação infantil tem vínculo com a psicologia pois "A psicologia é uma ciência que ajuda, que estuda o problema do desenvolvimento da criança e a maneira que esse desenvolvimento se produz", com isso verifica a ligação de uma com a outra, sendo ambas tendo norte da criança com o estudo e desenvolvimento da criança.

O autor também aponta que o meio familiar deve atentar-se aos problemas de educação, pois não diz respeito apenas à escola o trabalho de educar e nem tampouco à sociedade. No vídeo "Educação infantil é tão ou mais importante que a universitária" publicado no ano de 2015 ele afirma que "A educação infantil não é só uma educação para cuidar da criança, além de cuidar, deve ser uma educação que promova o desenvolvimento da criança". Sendo assim, é importante ressaltar que crianças enfrentam problemas com a participação da família na sua educação, pois muitas vezes os pais deixam para os professores a tarefa de ensinar e esquecem que os filhos também precisam do seu apoio para ter um melhor desenvolvimento tanto escolar quanto da própria personalidade da criança.

A teoria de Bronfenbrenner (2004) apresenta estudos sobre o desenvolvimento humano e inclui que o contexto em que essa pessoa vive pode influenciar no seu desenvolvimento, ou seja, sua pesquisa foca nos aspectos onde esse indivíduo se desenvolve, são processos de interação entre o indivíduo e o contexto. Vale ressaltar que

esses estudos foram realizados em ambientes naturais. Com isto, ele apresenta quatro sistemas concêntricos e suas interconexões. E esses sistemas são chamados de microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema, sendo assim definidos:

a) O microssistema se faz por experiências de relação do indivíduo e o contexto onde está inserido, esta relação pode ser por contato com o contexto familiar e também com a escola.

b) O mesossistema é a interação e processos do indivíduo e outros contextos como por exemplo, a família e o local de trabalho.

c) O exossistema é a influência do contexto em que o indivíduo em desenvolvimento está envolvido, mas não está presente, no entanto, irá haver ligação no seu desenvolvimento, por exemplo, organizações de bairro.

d) O macrossistema são padrões socioculturais, tais como, valores, crenças, religião, que também influenciarão no desenvolvimento do indivíduo.

São sistemas que caracterizam mudanças por intermédio do ambiente em que o indivíduo, nos diferentes contextos, está inserido. A teoria de Bronfenbrenner nos mostra que tais influências não estão restritas apenas ao desenvolvimento no ambiente familiar, essa relação indivíduo e contexto vai além, ela pode ser intermediada e influenciada por outros sistemas como supracitados.

Portanto, diante de sua relevância, é necessário que discutamos sobre o assunto em questão, de forma que possamos também refletir como devemos tratar e ajudar as crianças com as atividades escolares, tentando eliminar essa prática violenta que tanto faz mal ao desenvolvimento da criança e do adolescente. Assim estaremos contribuindo para que a sociedade, como um todo, atente-se aos cuidados com os métodos que serão utilizados no ensino e aprendizado, prevenindo agressões que possam ser submetidas as crianças e que os responsáveis saibam lidar com o desenvolvimento gradual e continuo da criança.

A seguir apresentamos o relato de vivência de uma pessoa adulta que sofreu em sua infância com a violência doméstica por parte de seu pai no auxilio com as tarefas escolares. O seu nome será mantido em sigilo e a chamaremos neste trabalho de “Humiliated Sister”, pois nossa relatora conta como seu pai a comparava com sua irmã mais velha a humilhando com frequência por ela não conseguir se sair como ele esperava. A vítima em questão conta as minúcias de como essa prática acontecia e de como se sente após ter vivenciado algo tão desagradável. É importante ressaltar que o relato foi apresentado conforme a pessoa o escreveu inclusive com os erros de grafia, concordância

e acentuações. A participante de nossa pesquisa consentiu que usássemos seu relato neste artigo e assim como nós, espera que sua experiência possa ser aqui compartilhada com o propósito de demonstrar aos responsáveis que este tipo de auxílio nas tarefas escolares, com violência, psicológica e física, deve a todo custo ser evitado.

RELATO DE VIVÊNCIA

Relato de "Humiliated Sister"

Bom na hora do ensino geralmente era na parte da tarde e quando não sabia a lição, ou errava era horrível nem gosto de lembrar meus olhos enchem de lagrimas, pois já pensava na surra que iria levar eu tinha medo do meu pai e não conseguia me consentrar com medo das palmadas na mão, e não parava por ae, ainda recebia umas uma sintadas e puxões de orelha, além de sempre ouvir que minha irmã era mais inteligente e que aprendia fácil e ninguém precisava ensinar ela as lições da escola.

Eu detestava fazer as lições de casa com meu pai eu sempre apanhava por não saber fazer a lição, não podia chorar e se não parasse de chorar o resultado seria mais surras, mas seu não conseguia controlar os soluços e choro depois de tantos puxões de orelha, sipuadas o jeito era apanhar mais ficar com medo de errar a tarefa e apanhar de novo, ele sempre dizia engole o choro. Geralmente na hora de ensinar matemática quando ele ia tirar a tabuada ele já trazia a palmatoria era um pedaço de tauba era meio pesadinho ele fazia a pergunta da tabuada e se eu respondesse errado ou não soubesse eu levava um bolo na mão e não importava quantas vezes eu errasse eu levaria um bolo, e eu me lembro que minhas mãos ficavam vermelhas demais e eu sentia as minhas mãos arder ardia tanto que chegava a cossar e era uma dor que não aguentava mais apanhar na mão e quando eu puxava a mão o bolo dobrava cada vez que eu fizesse isso.

Eu odeio matemática tenho muita dificuldade com a matemática, eu me lembro que meu primeiro emprego não durei nem uma semana por que eu tinha que fazer cálculos e eu ficava nervosa quando entrava cliente na loja por que ia acabar tendo que fazer contas e eu acabava errando eu tinha medo do meu patrão me brigar e acabava dando tudo errado pra mim. Eu odeio matemática eu não consigo aprender matemática.

Eu não me lembro de gostar de nenhuma matéria eu não gostava de fazer tarefa de casa eu chorava quando a professora mandava tarefa pra casa uma vez eu tinha tarefa

pra fazer em casa, e como todos os dias meu pai pediu pra mim pegar meu caderno para ele olhar mas eu fiquei desesperada fui no quarto peguei meu caderno de rasguei a folha onde estava a atividade por que eu sabia que ia apanhar. Eu também não gostava quando a professora me mandava ir no quadro para responder alguma tarefa eu ficava nervosa, desesperada e até me dava dor de barriga, se eu pudesse fazer uma mágica para sumir dali eu fazia, não gostava de apresentar trabalho na frente da classe era uma tortura eu ficava com dor de cabeça.

Os puxões de orelhas e citadas ele me dava quando ele pedia leitura , quando eu gaguejava, errava a palavra ou até mesmo quando não sabia ler uma palavra nova, ele puxava tão forte que parecia que iria arrancar minha orelha fora, as lambadas que eu recebia eram com aqueles cintos de couro e doía muito quando ele me batia as marcas sempre ficavam nas minhas pernas, as vezes quando eu errava ele até ameaçava arrancar mesmo minhas orelhas eu ficava com muito medo e muito nervosa por que isso acontecia todos os dias e pensava por que que eu não sou inteligente igual minha irmã que aprende rápido que sabe ler bem sabe fazer contas igual meu pai saber português que é melhor do que eu. Quando eu estava aprendendo a ler as sílabas e eu não sabia ele tirava um sipó de goiaba e assava para o sipo não quebrar com facilidade uma vez eu apanhei tanto que para aprender as sílabas que meu corpo todo tinha marca das sipuadas que levei, no outro dia eu não queria sair de casa com vergonha das marcas no meu corpo e eu confesso que fiquei com raiva e vergonha do meu pai, pois eu não queria nem ver a cara dele, as vezes ele batia tanto que depois da surra ele mandava tomar banho e ardia muito onde ele tinha batido quando ele batia na mão ou em outra parte do corpo ficava latejando por que ele batia forte, eu ficava muito triste por ter que estudar com ele toda tarde e quando tinha que levar tarefa para casa, por que eu já sabia o que iria acontecer.

Quando eu errava muito no dia de estudar com ele eu não podia sair para brincar era como se fosse um castigo por eu não ter me saído bem no dia, e eu ficava olhando da janela as outras crianças brincarem sem eu poder sair de casa, mas que mal tinha eu já estava triste mesmo de tanto ter que apanhar, pois eu ficava tão nervosa na hora das atividades que eu nem enxergava direito as letras e o que eu tinha que fazer. Eu chorava muito e minha garganta ficava seca e eu pedia para tomar água toda hora e ele acabava me proibindo, pois pensava que eu estava mentindo só pra ter que levantar da mesa e deixar um pouco a tarefa por que estava com preguiça, realmente eu queria levantar dali por que eu ficava muito cansada de tudo isso eu queria brincar e deixar a tarefa que era muito chato acontecia a mesmo coisa quando eu queria ir no banheiro, as

vezes ficava la dentro do banheiro por alguns minutos só pra ver se o tempo passava mais rápido, e eu lembro de achar bom quando chegava visita em casa por que ele tinha que dar atenção para elas ai eu já me livrava de apanhar muito e passar a tarde toda estudando. Mas quando acabava de fazer as atividades mesmo podendo brincar eu já não tinha animo para isso, eu só ficava sentada na porta riscando o chão ou olhando as outras crianças pela janela

Na escola quando eu tinha dúvidas eu tinha medo de perguntar da professora e ganhar bronca ou os meus colegas me chamarem de burra, eu sempre achava que todo mundo era mais inteligente que eu, as vezes eu achava que estava certo a minha lição, mas sempre apagava com medo de estar errada. Eu cresci na dúvida se eu iria aprender alguma coisa, por que eu tinha medo de perguntar e eu sempre ficava de recuperação na escola e cheguei até a reprovar, eu tinha medo da professora me brigar se eu fosse perguntar alguma coisa.eu odiava estudar e não gostava de nenhuma matéria. Entrei na escola com 6 anos de idade, hoje tenho 29 sou adulta, mas com os mesmos medos de quando era criança, tive dificuldade de terminar o ensino médio e só consegui concluir aos 27 anos. Hoje eu sou uma pessoa medrosa com medo de fracassar no que faço e sempre me pergunto será que sou capaz?

REFLETINDO SOBRE O CASO

A educação é um processo indispensável, principalmente quando se trata de educação infantil. E é importante ressaltar que a família tem papel fundamental no processo ensino-aprendizagem, mas se a família ou responsável por educar essa criança estiver usando de violência, seja verbal ou física, e não estiver cumprindo seu dever de maneira benéfica, essa criança estará sujeita a dificuldades de aprendizado.

> Os pais [...] devem ter sensibilidade suficiente para responder aos esforços da criança para agradar, encorajando a formação de traços e atitude desejáveis, sem contudo inibir sua espontaneidade e capacidades. (SABINI, 2001, p. 84)

É evidente no relato da “Humiliated Sister” o trauma que a violência sofrida por ela causou na sua vida pessoal e psicológica. O medo e o desconforto que ela sentia em fazer a lição de casa ainda estão presentes, pois a pedagogia usada por esse responsável,

não trouxe benefícios a ela. Atualmente ela relata, ainda carregar o medo consigo, medo de não conseguir, de não ser capaz de realizar diversas atividades. O sentimento de inferioridade pesa sobre ela, e sua perspectiva de vida pessoal e psicológica tomam rumos distantes de uma pessoa confiante que tem autoestima elevada. O trauma e a destruição causados pela violência levaram à falta de afeto e respeito para com a criança, objeto desta análise. No que cerne o ensino aprendizado quando feito com violência, seja ela verbal ou física, podem gerar consequências desastrosas, pois ensinar é muito mais do que seguir ou fazer o que a outra pessoa está ordenando que seja seguido ou feito.

> A criança deve ser protegida contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus-tratos ou exploração[...], enquanto estiver sob a custódia dos pais, [...] ou responsável por ela. (ONU, 1989, Art. 19 *apud* AZEVEDO e GUERRA, 2001, p.27)

A falta de afeto, carinho, afinidade, proteção e paciência era obstáculo para um ensino saudável, uma aprendizagem prazerosa, pois não havia estímulos para "Humiliated Sister", ou seja, a punição corporal que lhe era dada quando não atendia aos anseios e expectativas de seu pai e o abalo psicológico que lhe era implicitamente causado ao ser comparada sua capacidade de aprender com a capacidade da irmã, prescreve uma criança sem autoconfiança sem perspectiva de ser tão inteligente e capaz como qualquer outra. A violência doméstica refletiu na vida escolar dessa criança, as recuperações e reprovações escolares, o baixo rendimento escolar são consequências da prática agressiva que o responsável usava como método educacional e que interferiu no contexto escolar da criança em questão.

A punição doméstica na hora do ensino teve uma grande parcela de interferência negativa no desenvolvimento da fase infantil até a fase adulta dessa pessoa. Conforme é possível notar com o relato de "Humiliated Sister", a não realização profissional de nosso "personagem" nesta pesquisa, em alguns casos, se dá por conta do trauma que carrega em sua vida desde a infância. A influência e os estímulos ficaram em segundo plano no processo de ensino e aprendizagem e marcaram como problemas na vida da vítima que atualmente não consegue se libertar do trauma causado durante todo o tempo em que ficou exposta às agressões em meio aos estudos.

O medo e bloqueio que repercutiram na vida dessa pessoa é fato consumado, pode ser percebido em suas palavras quando descreve toda angústia que agora resta depois

de sofrer em seus momentos de ensino, quando deveria ser uma prática prazerosa e estimuladora em que o conhecimento fosse visto como algo de fato necessário para sua vida e não somente que o deveria adquirir porque seu pai assim o queria. O "querer estudar/aprender" deve vir, antes de tudo, do aluno e, por conseguinte ser estimulado pelos pais. Se o aluno não tomar gosto pelos estudos, não crescerá intelectualmente, corre o risco de ser mais um que estuda para agradar os pais ou fugir dos castigos.

Se os pais não estimularem a autoconfiança em seus filhos, deixando-os em uma zona de conforto e segurança, é possível que os seus filhos não queiram dirigir-se aos outros com opiniões firmes e convictas, certos do que estão dizendo, pois em suas cabeças, acreditarão que todos em sua volta irão reprimir suas ideias, suas dúvidas e questionamentos.

De acordo com Azevedo e Guerra (2001, p. 356)

> Os pais devem refletir sobre o que esperam de seus filhos e evitar exigir a realização de tarefas acima de suas capacidades e habilidades, que talvez para as crianças sejam muito difíceis de cumprir; isso fará com que não as critiquem e nem as repreendam constantemente, o que deterioraria, em princípio, a sua auto-estima.

As dificuldades de aprendizagem dessa criança estão literalmente atribuídas a esses fatores apresentados em seu relato, é evidente que estão marcados em sua vida a punição sofrida por ela. Todavia, a penalidade que recebia durante a aprendizagem caracterizava com o aumento de dificuldades de assimilação do conteúdo apresentado seja ele em qualquer que fosse a disciplina ensinada, tanto em casa quanto na escola. As punições deixaram sua capacidade intelectual/cognitiva debilitada, pois os métodos utilizados para ensiná-la não eram reforços positivos para o ensino e sim empecilhos que galgavam para o trauma e a destruição da mesma. Não houve desenvolvimento de aprendizagem, e a falta de afeto trouxe dificuldades em relação à confiança, o que, por conseguinte fez com que a criança, diante de alguma dúvida, tivesse receio em dirigir-se a ao educador, solicitando qualquer informação que fosse ou mesmo tirar uma dúvida, retraindo-se desta forma e, por vezes, mantendo a dúvida ou o questionamento que poderia ter sido sanado com um simples contato verbal com aquele que ensina.

De acordo com Mahoney e Almeida (2005, p. 26):

> Quando não são satisfeitas as necessidades afetivas, estas resultam em barreiras para o processo ensino-aprendizagem e, portanto, para o desenvolvimento [...] do aluno.

A violência física caracterizava-se por meio de puxões de orelhas, cinto, cipó, palmatória e castigo como não poder brincar. O responsável não oferecia um ambiente de aprendizagem saudável, a relação era extremamente complexa, o vínculo afetivo era escasso, fatores esses que favorecem para que a vítima se sinta desprovida de confiança, adquirindo assim sentimentos de inferioridade, porque para ela aprender se tornou tormento, algo que pesa; para a vítima, não conseguir aprender se tornou a certeza de todos os problemas até então apresentados. A violência doméstica na hora do ensino refletiu na infância dessa criança, pois lhe foi tirado o prazer de brincar, de socializar com outras crianças. Ela já não tinha prazer ou felicidade de brincar quando podia, estes sentimentos já tinham sido arrebatados por meio dos castigos durante o estudo. A liberdade de brincar foi tomada com a punição, a única certeza que a vítima tinha era a certeza da punição, até porque era a preocupação diária que ela tinha.

> Todo ato ou omissão, praticados por pais [...] ou responsáveis contra crianças e/ou adolescente que, sendo capaz de causar dano físico, [...] e/ou psicológico à vítima, implica numa transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, por outro lado, numa coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento. (AZEVEDO e GUERRA, 1989, p. 33)

Assim, toda criança precisa exercer seu papel de criança, tais como, brincar, ser livre, sonhar, imaginar, no entanto no caso dessa criança ela só ficava imaginado a hora do pai chamar para estudar e acabar com a tranquilidade dela.

Esse tipo de pedagogia de ensino trouxe dificuldades ao prejudicar o desenvolvimento intelectual e o equilíbrio emocional de uma criança, e esses são danos irreparáveis, em razão de que criança precisa de proteção, paciência, cuidados, responsabilidade e uma educação de qualidade. A base da educação vem de casa, mas como essa criança poderia ter educação de qualidade se na hora mais importante essa educação se fazia de maneira pesada, agressiva, com punições corporais que iam de palmadas nas mãos (com um pedaço de pau) à surras com cipó (que era assado para ficar mais resistente) A vítima cresceu sabendo que os erros não são permitidos.

> A violência é um fenômeno dependente do contexto, do momento que a pessoa vive, das suas experiencias e seus processos psicológicos e de suas características individuais. (BRONFENBRENNER, 2004, p. 293)

O convívio com a violência pode gerar comportamentos violentos, a criança que foi vítima de violência pode se tornar uma pessoa violenta ou revoltada, mas no caso da "Humiliated Sister" a violência trouxe consequências tais como, o medo, vergonha e o retraimento.

A punição corporal traz de maneira negativa e grave o auxílio das atividades escolares quando feito com violência física e verbal a vista que dessa forma o responsável por esse auxilio descaracteriza a construção de autoestima e confiança da criança. A conscientização de uma transmissão de respeito constrói degraus de afetividade familiar, principalmente quando a criança sente que o responsável por ela realmente se importa com seus cuidados e irá prezar por sua realização. A participação familiar tem que ser benéfica, a experiência de aprendizagem deve ter considerações significativas no que cerne o desenvolvimento e realização da criança/adolescente, pois caso contrário refletirá na fase adulta, ou seja, a continuação de uma experiência desagradável experimentada durante a infância na hora das atividades escolares.

A evolução da "Humiliated Sister" foi comprometida por não haver ajuda e orientação necessária do pai ou responsável. Nesse sentido, é importante que haja interação no processo ensino aprendizagem para que a criança possa progredir e o responsável possa explorar gradativamente os conhecimentos que serão internalizados.

A falta de paciência ou até mesmo o prazer de bater ou castigar o filho toma uma evidência muito forte. É como se o responsável empurrasse o filho para a independência, mas já de maneira tão agressiva; talvez para esse pai a vida não tenha sido tão fácil, e assim faz com esse filho, levando-o a ter a mesma experiência que vivera no passado. Dessa forma vê um escape para ensinar o filho a ser independente, cometendo o grave erro de d

eixar seu filho cada vez mais dependente, causando-lhe a dependência do medo. Como ressalta Sabini (2001, p. 81)

> [...] a criança de idade escolar não é ainda capaz de resistir às pressões externas. Por isso, seu autoconceito baseia-se naquilo que os outros dizem ao seu respeito. Se estes lhe comunicarem que ela é esperta e inteligente, ela se sentirá assim e se comportará de forma a corresponder às expectativas. Porém, se lhe disserem que é feia ou menos capaz, ela passará a se identificar com essas informações e a comportar-se de acordo com elas.

A motivação e o estímulo são importantes para a construção da autoconfiança, por esse motivo o responsável tem o dever de fazer a criança realizar-se como uma pessoa inteligente, pois assim ela se sentirá capaz de realizar os desafios que surgirão não só na escola, mas também na vida.

O processo de aprendizagem é indispensável na vida do ser humano principalmente na fase infantil, pois é a partir desse processo que a mesma adquire e constrói autonomia. Uma das maneiras de se obter êxito é motivar a criança a crer em suas habilidades, assim ela irá adquirir confiança ao longo do seu desenvolvimento e estará apta a realizar as funções necessárias para a efetivação do aprendizado da leitura, dos cálculos matemáticos, escritas, linguagem e uma série de outras atividades. Elogiar é sempre uma boa maneira de incentivar uma criança, para que ela sinta que o responsável confia nela e para que confie na capacidade de si mesma.

Para a vítima que sofreu as agressões durante o processo de ensino e aprendizagem é compreensível seu desinteresse pelos estudos a falta de contato com a professora, o nervosismo em ter que expressar alguma opinião ou mesmo em ir até o quadro responder uma simples questão. Para uma pessoa que convive diariamente com a violência é um processo muito difícil de ser realizado, por causa do medo, a falta de confiança e falta de concentração que a prática violenta lhe causou.

É interessante o modo como a convicção que ela tem em não ter confiança em si, mesmo depois da fase adulta, ainda a permeia vigorosamente. As consequências que o trauma trouxe estão ligadas às doenças psicossomáticas causadas pelos problemas emocionais, como o medo, ansiedade, dor de barriga e as dores de cabeça, gerando estes sintomas perante uma situação em que tinha que se expor para a professora e aos colegas de classe, depois de tanto ser explorado seus sentimentos e limites que a pressão do cansaço físico e psicológico deixaram abatidos por conta de uma pedagogia de ensino que prejudicou a estrutura de confiança da vítima; uma série de problemas relacionados ao trauma e a destruição causados pela forma como essa pessoa foi ensinada e educada de forma relapsa na hora das atividades escolares.

Nesse sentido, Sabini (2001, p. 83) ressalta que:

> A forma mais simples de retraimento é a de fugir de situações que podem ser fontes de ansiedade. Assim, a criança pode não expor suas dúvidas para o professor, ou não participar de brincadeiras com os colegas, por medo de não responder às expectativas.

A violência caracteriza-se pelo abuso de poder que o responsável tem sobre a criança, e ela acaba internalizando a falta de estímulos e influências que levarão a problemas de aprendizagem. A capacidade de aprender com esse pai se torna deficiente, ele não propicia um ensino de qualidade, em que poderia ocorrer de forma mais natural e compreensível, pois os pais pressupõem ser pessoas que prezem pela segurança e querem o bem-estar de seus filhos. No entanto, o que podemos perceber, pelo menos na análise em questão, é que a violência agiu apenas como objeto de repreensão, causando desconforto na criança em seu processo de ensino aprendizagem. A única maneira de se ausentar mesmo que fosse por alguns minutos era pedindo para tomar água e ir ao banheiro mesmo sem vontade. A criança não tinha a quem pedir socorro, e desenvolveu uma maneira de se ausentar do fardo que era apanhar e ser castigada por não saber a atividade. Na verdade, a criança travava uma batalha diária com os estudos, em casa tinha que conviver com as surras, pressão e as humilhações que o pai lhe fazia passar, e na escola tinha que lidar com a ansiedade e o medo da professora chamar para alguma atividade, ou seja, a violência sofrida em casa refletiu na escola e socialização da mesma.

Para Bronfenbrenner (2004, p. 294)

> Este ambiente, no qual habita uma família, poderia ser chamado de doméstico, mas a existência dolorosa da violência entre seus membros retira o calor comumente atribuído à relação com um lar. O termo violência doméstica tem sido utilizado na língua portuguesa para representar a violência instalada no seio familiar.

Sendo assim, a criança não tem animo para os estudos, aprendeu a não gostar de nenhuma matéria, pois não aprendeu de maneira prazerosa, ademais quando não são feitas de maneira agradável acabam por desenvolver problemas muito sérios para a vida do aprendiz, no caso quando abalados psicologicamente, somente com acompanhamento de um profissional é que se pode sanar os distúrbios advindos do processo de ensino aprendizagem impactado ou permeado pela violência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo traz à tona a discussão sobre a participação familiar nas tarefas escolares; algumas vezes este acompanhamento pode ser benéfico, no entanto, em outros casos pode gerar consequências desastrosas, portanto, é necessário refletir sobre o assunto

no intuito de alertar a população como um todo sobre a relevância de se estudar o assunto aqui abordado em busca de melhorias para o processo de ensino aprendizado de nossas crianças dentro do ambiente doméstico.

As consequências que a violência traz em meio ao seio familiar durante o ensino aprendizagem trazem consigo condições precárias ao que cerne o desenvolvimento infantil e a afetividade fica comprometida. A violência que esse responsável porventura use como meio de ensinar e educar pode acarretar problemas emocionais, medo, desinteresse, falta de concentração, e até levar a vítima a adquirir doenças psicossomáticas.

No relato de “Humilliated Sister” vimos que o desempenho escolar foi interrompido, ou seja, a violência vivida causou o trauma e a destruição da mesma que acaba carregando consigo até os dias de hoje a baixa autoestima e falta de confiança em si. A falta de estímulo contribuiu para a não realização dessa pessoa, que mesmo na fase adulta não se sente capaz de progredir, pois a pedagogia de ensino usada pelo pai resultou em medo: o medo de não conseguir, de não ser inteligente e não ser boa o suficiente para ocupar um cargo em qualquer emprego.

Portanto, a violência só traz resultados negativos para a educação e realização de qualquer pessoa; acarreta no bloqueio, pois a vítima internaliza toda essa violência e estímulos ruins e acredita não ser capaz e, portanto, não se permite evoluir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARIAS, Guillermo. **Educação infantil é tão ou mais importante que a universitária.** 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gf1qwr4AYXg> acesso em 02/04/17

AZEVEDO, Maria Amélia. GERRA, Viviane Nogueira de Azevedo. **Mania de bater: a punição corporal doméstica de crianças e adolescentes no Brasil.** São Paulo: Iglu, 2001.

AZEVEDO, Maria Amélia. GERRA, Viviane Nogueira. **Crianças vitimizadas:** A Síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu, 1989.

BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento.** 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BRONFENBRENNER, Urie. **Ecologia do desenvolvimento humano,** pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo, 2004.

CORIA, Maria Aparecida Sabini. **Psicologia do desenvolvimento.** São Paulo: Ática, 2001.

MAHONEY, Abigail Alvarenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo de ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. **Psicologia da Educação.** São Paulo, 2005.